Expressão Universitária
Ano 4 Número 49 Dezembro e Janeiro /2014
www.sinsepes.org.br
Uma publicação do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau

"É PRECISO AMPLIAR A DISCUSSÃO PARA UM SISTEMA EDUCACIONAL E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COM FORTE ÊNFASE NA ETAPA INICIAL E COM CONTINUIDADE AO LONGO DA VIDA ATIVA DO CIDADÃO."

ELIEZER JOSÉ BONAN JUNIOR, MESTRE EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL PELA FURB

TRABALHO E EDUCAÇÃO DO JOVEM NA REGIÃO

PÁGINA 5

"AS DIFERENÇAS E VANTAGENS DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO EM RELAÇÃO AOS BANCOS SÃO MUITAS. UMA DELAS É A FORMA DE GESTÃO. NAS COOPERATIVAS OS COOPERADOS NORMALMENTE CONHECEM O PRESIDENTE, A DIRETORIA. "

NAZARENO L. SCHMOELLER, PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA FURB

ASCENSÃO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO EM BLUMENAU **PÁGINA 4**

"ERA SURPRESA TOTAL ESSA COISA DE QUE AGORA HAVIA UMA FACULDADE EM NOSSA CIDADE, COISA TÃO PRÓXIMA QUE ATÉ UM RAPAZ DA NOSSA RUA PODIA FREQUENTAR."

URDA ALICE KLUEGER, ESCRITORA E HISTORIADORA

MEU PRIMEIRO UNIVERSITÁRIO

PÁGINA 16

FOTO: MAGALI MOSER

ÍNDICES DE ACIDENTES DE TRABALHO EM SANTA CATARINA SUPERAM MÉDIA NACIONAL

ESTADO LIDERA OS CASOS DE ACIDENTES E DOENÇAS DO TRABALHO NO PAÍS. O DADO É CONSIDERADO PREOCUPANTE. ENTENDA OS MOTIVOS. **PÁGS 8 E 9**

COLUNA LADO B: A POLÍTICA DO PPP NA FURB

UMA AVALIAÇÃO DO PROFESSOR DOUTOR MARCOS ANTÔNIO MATTEDI SOBRE O PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO. "O PPP CONSTITUI A LUTA PELA DIVISÃO DO TRABALHO COGNITIVO."

PÁGINA 15

OS GASTOS DO GOVERNO DO ESTADO COM PUBLICIDADE

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA, O PROFESSOR ITAMAR AGUIAR, DA UFSC, QUE LANÇOU LIVRO SOBRE O TEMA REFLETE A RESPEITO

PÁGINAS 10 E 11

EDITORIAL

GASTOS COM PUBLICIDADE E PROPAGANDA NO SETOR PÚBLICO

Um dos pontos da reforma eleitoral que tem sido veiculada por alguns partidos políticos trata sobre o financiamento público de campanha e redução da participação de doações do setor privado. A cada pleito as campanhas eleitorais ficam mais caras e sofisticadas em termos de recursos de mídia utilizados o que impacta na maioria das vezes no resultado final. Estamos diante de uma questão típica abordada pela teoria dos jogos, na sua forma mais simplificada entre dois jogadores, "A" e "B". Existem quatro combinações em um jogo simples: "A" aumenta os gastos e "B" não, ou "B" aumenta os gastos e "A" não. Nas duas combinações o resultado favorece mais amplamente quem aumentou os gastos diante da decisão da contraparte. Nas outras duas combinações temos de ambos aumentam os gastos ou que ambos não aumentam os gastos. A solução ótima em termos de economia de esforços em gastos excessivos em propaganda é de que nenhum dos dois aumentasse excessivamente os gastos, mas a solução lógica não é essa. A probabilidade de um aumentar os seus gastos e outro não, o resultado seria pior para quem não o aumentasse, portanto ambos decidem aumentar as despesas mesmo que isso não fosse desejável, é o raciocínio do menor prejuízo possível diante de qualquer uma das combinações de decisão possíveis de serem tomadas. Quando uma lei impediu que empresas de cigarro fizessem propaganda elas não reclamaram muito, pois gastavam milhões de dólares em todo o mundo com publicidade e propaganda e a lei quebrou o equilíbrio do jogo e todas as empresas ficaram em igual situação. Quem perdeu os clientes foram as empresas de mídia.

Igual raciocínio do jogo ocorre com as empresas que financiam campanhas e têm interesses em contratos públicos. Elas doam recursos para todos os partidos que tem chances de chegar à final, independente de sua preferência, pois assim estariam bem posicionados como doadores seja qual for o resultado da eleição. Uma das grandes construtoras brasileiras que realizava obras na Venezuela, fez doações tanto para chavistas quanto para seus opositores na última campanha presidencial. Nicolas Maduro, então candidato, quando descobriu isso achou que estava sendo traído pela empresa brasileira sem compreender que isso é *modus operandi* das construtoras em todo o lugar.

Vem-nos a tese que o financiamento público de campanha reduz a corrupção. Há evidências de que isso não é verdade pois as empresas continuarão a fazê-lo de alguma forma mesmo diminuindo seus gastos, assim ocorre em países que já adotam esse sistema. Outras correntes recomendam que a redução da corrupção e não a sua eliminação só pode ser coibida com aumento da transparência, fiscalização constante, punição rápida e eficaz com um judiciário mais independente. Quem se beneficiaria com um financiamento público de campanha? Muitos partidos menores sem expressão, com pouca capacidade de convencimento de financiadores e que hoje vendem minutos e segundos de televisão se coligando a partidos maiores, entre vários e outros problemas de representação do atual sistema que não poderiam ser contextualizados de forma ampla nesse texto.

Nessa edição trazemos também a entrevista do professor e pesquisador Itamar Aguiar, da UFSC, que trata de outro aspecto: o aumento dos gastos em publicidade propaganda que envolve os que atualmente detêm um mandato no governo e que estão "gastando bem". A Lei de Acesso à Informação, através dos portais da transparência, são a fonte primária de dados que ficaram mais evidentes mesmo que não totalmente claros nos detalhes. Segundo pesquisa realizada em 2013 pelo Observatório da Imprensa, o Brasil gastou R$ 1,797 bilhão em propaganda em 2012. Uma das séries históricas analisadas com o canal de mídia televisiva de 2000 a 2012 mostrou um aumento real de gastos públicos com comunicação ajustado pela inflação de 54,7%, 14,7%, 15,3% e 8,5% entre as quatro maiores redes de televisão aberta. Esse crescimento não proporcional foi porém similar com o que cada emissora detinha de audiência em 2012, ou seja quem tinha mais audiência recebeu de forma crescente mais recursos para comunicação oriundos do setor público.

Alguns governos quando indagados sobre isso vieram com uma nota a exemplo desta que afirmou em sua comunicação que "cumpre rigorosamente a obrigação constitucional de dar visibilidade às ações governamentais, com caráter educativo, informativo e de orientação social". Muito bem, alguns objetos dessa "visibilidade" incluem a propaganda de uma escola sem professores ou uma inauguração antecipada de ambulatório. Estatais que pertencem a definição da esfera do setor público e que detém o monopólio sobre sua atividade como a Dersa, Metrô, Sabesp e outras também fazem parte dessa tendência, pois gastaram em São Paulo em dez anos R$ 1,24 bilhão em campanhas promocionais. E assim existem muitos outros casos independente de qual seja o partido político, todos tem aumentando sua participação gradativa com esse tipo de gasto previsto no orçamento e que aumenta mais perto de anos eleitorais. O que diz a lei? A Constituição Federal estabelece limitações e não uma obrigatoriedade para a "visibilidade" de certas ações duvidosas, quando no seu artigo 37 (inciso XXII, § 1.º) diz: "A publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos". Não é isso que se observa em várias dessas situações. Gastos em publicidade de campanhas educativas de prevenção à saúde, ou no trânsito são pertinentes ao que é considerado correto, outros motivos, porém visam apenas a promoção de partidos que estão nos governos atuais e que pode ser um sutil ou escancarado uso de uma forma deliberada de utilização de recursos públicos indiretamente em pré-campanhas e campanhas eleitorais e isso já faz parte desse jogo.

ENTRE ASPAS

"USO DESTE ESPAÇO PARA PARABENIZAR A DIREÇÃO DO SINSEPES PELA EDIÇÃO DO JORNAL EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA DO MÊS DE OUTUBRO. DE FORMA ABRANGENTE, A PROPOSTA DO JORNAL TRAZ ASSUNTOS IMPORTANTES, DE REFLEXÃO MAIS PROFUNDA E DO COTIDIANO, ABORDANDO POLÍTICAS PÚBLICAS. SUGIRO AINDA VOLTAR AO TEMA DO PAPEL DA UNIVERSIDADE QUANDO INICIAR-SE UMA NOVA GESTÃO NA REITORIA."

LUIZ HENRIQUE COSTA, professor da FURB e doutorando da Universidade de Brasília

"O EXPRESSÃO UNIVERSITÁRIA CUMPRE, NO CONTEXTO ATUAL DA LUTA SOCIAL EM BLUMENAU, O PAPEL DE CONTRIBUIR PARA A DIVULGAÇÃO DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA E DE DENÚNCIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA. ALÉM DISSO, É UM ESPAÇO ONDE OS MOVIMENTOS SOCIAIS COMBATIVOS POSSUEM VOZ E PODEM MANIFESTAR A SUA VERSÃO DOS ACONTECIMENTOS. NESTE SENTIDO, O JORNAL CONTRIBUI NO COMBATE À HEGEMONIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO BURGUESES."

RUBENS VINÍCIUS DA SILVA, estudante de Ciências Sociais da FURB

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! ***Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!***

DIRETORIA SINSEPES | 2011/2014

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); ***Vice-presidente:*** Luiz Donizete Mafra (DAC), ***Secretária geral:*** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS), ***1ª Secretária:*** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB), ***Tesoureiro:*** Nazareno Loffi Schmoeller (CCSA), ***1º Tesoureiro:*** Valcir de Amorim (DAF), ***Diretor de Imprensa e Comunicação:*** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ), ***Diretora de Assuntos Jurídicos:*** Osnildo Marcos Rodrigues (CCS), ***Diretora de Formação e Relação Sindical:*** Nevoni Goretti Damo (CCS), ***Diretor de Cultura, Esporte e Lazer:*** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC)

CONSELHO FISCAL
Efetivos: Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério), Selésio Rodrigues (DAC), Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)

Suplentes: Marcio C. de Souza Rastelli (Depto de Odontologia), Selésio Rodrigues (DAC), Wanderley Renato Otunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 3.000 cópias. ***Gráfica:*** Grafinorte S/A (Apucarana, PR)

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

sinsepes

Contato

Expressão Universitária é uma publicação do Sinsepes (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da Furb - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br

INTERNAS

CHAPA ATUAL VENCE ELEIÇÃO NO DCE

A eleição dia 20 de novembro escolheu a nova diretoria no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da FURB para o próximo ano - gestão 2015/2015. A chapa De Aluno para Aluno, liderada pelo atual vice-presidente John Maicon Albanis recebeu 970 votos. Houve 15 votos contrários à chapa única e 50 anulados. Nas últimas duas eleições o grupo não teve oposição. Na avaliação do atual diretor de eventos que assumirá o cargo de vice-presidente em dezembro, quando a chapa assumir, Rafael Heusser, aluno de Fisioterapia, a falta de oposição é indício de dois indicativos: " pode ser que haja um desinteresse dos estudantes em participar, mas acredito que é fruto do nosso bom trabalho", considera. Ele lista conquistas como a implantação do almoço e janta a R$ 5 para estudantes e servidores, alcançada em conjunto com o SINSEPES. Além disso, ele comenta o projeto Terça Cultural, promovido pelo DCE nos campos 1 e 2, com o objetivo de promover a cultura local através de artistas da região que se apresentam no intervalo.

REAJUSTE DO CRÉDITO FINANCEIRO E DE MENSALIDADES PARA 2015

A proposta de reajuste do crédito financeiro e de mensalidades para o ano de 2015 foi aprovada na reunião do CONSUNI de quinta-feira, dia 4 de dezembro. A necessidade de investimento no plano de Tecnologia e recuperação dos espaços físicos e laboratórios foram argumentos decisivos para a provação. Confira:

a) Reajuste no montante de 8,59% (Oito vírgula cinquenta e nove por cento) sobre os valores do Crédito Financeiro praticados em 2014, elevando seu valor unitário para R$ 37,46 (Trinta e sete reais e quarenta e seis centavos).

b) Reajuste do valor das mensalidades para a Escola Técnica do Vale do Itajaí - ETEVI, para R$ 574,00 (Quinhentos e setenta e quatro reais), aos alunos de 1º e 2º anos, e para R$ 690,00 (Seiscentos e noventa reais), aos alunos do 3º ano, incluindo as despesas de materiais didáticos;

c) Reajuste dos valores dos cursos do FURB Idiomas: R$ 94,79 (noventa e quatro reais e setenta e nove centavos) para a matrícula e cinco parcelas de R$ 170,61 (cento e sessenta reais e sessenta e um centavos) para cursos diferenciados com 2 horas-aula semanais de duração e cinco parcelas de R$ 252,75 (duzentos e cinquenta e dois reais e setenta e cinco centavos) para cursos regulares com 3 horas-aula semanais de duração.

PROFESSORES DA FURB SÃO CONTEMPLADOS COM PROJETO DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Oito professores da FURB foram contemplados pela Chamada Universal 2014. A lista foi divulgada nesta semana. Trata-se de um projeto do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, que selecionar propostas para ajudar com apoio financeiro. O objetivo é apoiar projetos de pesquisa que visem contribuir significativamente para o desenvolvimento científico e tecnológico do país, em qualquer área do conhecimento. Neste ano, o valor global foi de R$ 200 milhões, o maior da história do projeto.

De acordo com o edital da Chamada Universal, o início da contratação das propostas aprovadas deve ocorrer a partir de dezembro. O prazo máximo para execução dos projetos é de 36 meses.

Conheça a relação dos selecionados pela FURB

ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA:
Roberto Carlos Klann e Tarcísio Pedro da Silva

LETRAS E LINGUÍSTICA:
Maristela Pereira Fritzen

ARQUITETURA, DEMOGRAFIA, GEOGRAFIA, TURISMO E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:
Marialva Tomio

BOTÂNICA:
Sidney Luiz Stürmer

ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E ECONOMIA:
Nelson Hein e Carlos Eduardo Facin Lavarda

ENGENHARIA DE MINAS, METALÚRGICA E DE MATERIAIS:
Jürgen Andreaus

Correção:
Ao contrário do que foi publicado na última edição, a legenda correta da foto de capa é: 1986 – Instalação Oficial da Universidade e Inauguração do prédio próprio para a Biblioteca. A cerimônia contou com a presença do então Ministro da Educação Marco Antônio de Oliveira Maciel. Local: Campus I – FURB. Data: 07/02/1986. Fotógrafo: Raimundo Pereira dos Santos.

CANTINAS DA FURB PASSAM POR MUDANÇAS

Começaram as reformas e ampliações das cantinas da FURB. As mudanças atendem ao que foi definido no edital e seguem um cronograma de atividades, definido com a Comissão Gestora dos Contratos.

NOVA LANCHONETE NO BLOCO I

A construção da nova lanchonete do Bloco I teve início em outubro e será concluída em dezembro de 2014. Por este motivo, o Quiosque do Bloco I será desativado em janeiro de 2015, quando a nova lanchonete estiver em funcionamento.

REFORMA DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DO CAMPUS 1

A reforma e ampliação do restaurante do Campus 1 terá início em 08/12/2014 e tem previsão de término para 18/02/2015. Não haverá qualquer atendimento ao público neste período de reformas.

O fornecimento de refeições, lanches e café no Restaurante Universitário será encerrado em 06/12/2014.

O RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DO CAMPUS 2

Funcionará normalmente até 18 de dezembro, quando também terá início a reforma.

Mas o quiosque do bloco I, a lanchonete do bloco T e o restaurante da ASEF estarão abertos.

A ASCENSÃO DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO EM BLUMENAU

POR NAZARENO LOFFI SCHMOELLER
Economista e professor do Departamento de Economia da FURB - nazareno@furb.br

FOTO: ARQUIVO

As diferenças e vantagens das cooperativas de crédito em relação aos bancos são muitas. Uma delas é a forma de gestão. Nas cooperativas os cooperados normalmente conhecem o Presidente, a diretoria, pois são os próprios cooperados quem escolhem os dirigentes, portanto, os conhecem e tem acesso a eles. Enquanto nos bancos normalmente os correntistas não fazem a mínima ideia de quem é o presidente, ou os donos, e tampouco os elegem.

Outro ponto fundamental de diferença são as atividades regionais das cooperativas. Os recursos financeiros das cooperativas giram na região, enquanto que dos bancos, boa parte dos recursos são filtrados para outras regiões ou países.

> **"As cooperativas de crédito isoladas sempre tiveram problemas de escala em sistemas de tecnologia da informação e de determinados serviços financeiros que não eram oferecidos em comparação aos bancos"**

Segundo dados de setembro de 2013, publicados pelo Banco Central, todas as cooperativas brasileiras somadas (um pouco mais de 1.200) representaram apenas 2,7% do total das operações de crédito no Brasil, estão em 6º lugar, atrás do Banco do Brasil, Itaú, Caixa, Bradesco e Santander, nesta ordem. Ou seja, precisa-se somar as 1200 cooperativas para ter a representação de um único grande banco. O crescimento de set/2012 para set/2013 foi de 20% no volume de depósito, 23% nas operações de crédito e 21% nos ativos. Contra 4%, 17% e 13% respectivamente do sistema financeiro como um todo. Mesmo com todas as vantagens do sistema cooperativista, ainda assim a participação é muito pequena no Brasil. As maiores concentrações de cooperativas estão na região sudeste e sul.

Ainda que as cooperativas de crédito não sejam algo novo, somente a partir de 1995 é que começaram a tomar impulso na região. Neste ano, 1995, na região metropolitana de Blumenau, formada por cinco municípios (Blumenau, Gaspar, Indaial, Pomerode e Timbó), só havia cooperativas de crédito registradas em Blumenau (duas) e Timbó (uma).

Tabela 1 - Número de estabelecimentos, bancos e cooperativas de crédito, Blumenau.

Ano	Bancos	Crédito Cooperativo
1995	52	2
2002	56	8
2012	63	12

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Rais. Elaboração do autor.

Em 1995 havia apenas 52 estabelecimentos bancários e 2 cooperativas de crédito em Blumenau, 3,85% dos estabelecimentos. Em 2002 já eram 8 cooperativas, com 14,3% de participação do total de estabelecimentos. Em 2012 o número de cooperativas passou para 12, 19% dos estabelecimentos. O crescimento em 17 anos foi de 500%, contra 21,1% dos bancos.

Tabela 2 - Número de empregos bancos e cooperativas de crédito, Blumenau.

Ano	Bancos	Crédito Cooperativo
1995	1.368	40
2002	1.158	183
2013	1.213	1670

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – Rais. Elaboração do autor.

A expansão dos empregos nos dois segmentos é ainda mais interessante. Em 17 anos os bancos diminuíram de participação, empregavam 1.368 trabalhadores em 1995, passando para 1.213 em 2013, quase 10% de diminuição. Por sua vez as cooperativas cresceram, e muito. De 40 trabalhadores em 1995, saltaram para 1.670 em 2013, incríveis 4000% de crescimento. Com esta expansão os empregos nas cooperativas de crédito já superam os dos bancos, representando 57,9% dos empregos do setor em Blumenau.

Os fatores de expansão das cooperativas de crédito estão relacionados aos seguintes fatores:

- o próprio mecanismo de operação, o chamado efeito multiplicador dos depósitos à vista. Os bancos e cooperativas de crédito podem emprestar grande parte dos depósitos à vista;
- os novos sistemas de informação interligando as operações (informatização bancária);
- a nova legislação implantada pelo Banco Central permitindo a expansão do cooperativismo (a anterior inibia a expansão das cooperativas de crédito) e;
- particularmente no caso regional, a iniciativa da cidadania local adotando os princípios cooperativistas.

As cooperativas de crédito isoladas sempre tiveram um problema de escala em sistemas de tecnologia da informação e de determinados serviços financeiros que não eram oferecidos em comparação aos bancos. No entanto, a ligação com as centrais e bancos cooperativos proporcionou a ampliação da oferta de serviços, facilitando o acesso a caixas automáticos em todo o país, entre outros serviços financeiros.

Os sistemas de informatização bancária proporcionaram ganhos de escala e rapidez de processamento. São baseados na confiança e disciplinados e supervisionados pelo Banco Central, que é o regulador dos bancos. Permitem que todas as operações possam ser acompanhadas em tempo real, não importa o local em que sejam realizadas. A informatização permite ampliar quase que indefinidamente os serviços financeiros, assim, os bancos, de uma forma geral, na busca por melhores resultados aprimoraram os sistemas, coincidentemente, foi neste processo que as cooperativas de crédito foram beneficiadas. Não fosse por isto seria impossível para as cooperativas crescerem, na região, a taxas maiores que os bancos, mesmo com todas as vantagens do sistema cooperativista.

Em relação à gestão, as cooperativas tem um grande desafio de recrutar e qualificar seus profissionais dada a grande expansão de seus ativos que em média crescem 30% ao ano na região de Blumenau. Em função disso determinadas competências gerenciais que envolvem alto nível de decisão estratégica precisam ser desenvolvidas no âmbito local e regional.

TRABALHO E EDUCAÇÃO DO JOVEM NO VALE DO ITAJAÍ

Um olhar sobre as relações de trabalho e o jovem na região desperta reflexões sobre a educação e as oportunidades

POR ELIEZER JOSÉ BONAN JUNIOR

Mestre em Desenvolvimento Regional pela FURB e pesquisador do NPDR/CAPES - eliezerbjunior@hotmail.com

A discussão sobre o trabalho e a educação do jovem, assim considerados os indivíduos de 15 a 29 anos, tem singular importância na atualidade, especialmente pelo crescimento da população juvenil e pela realidade enfrentada nesse período da vida.

Atualmente, as relações de trabalho sofrem sensível mudança e a sociedade contemporânea presencia a precarização do trabalho, marcada por péssimas condições de colocação no mercado de trabalho, maiores exigências de formação profissional, aumento das jornadas de trabalho e desvalorização do trabalhador. Ou seja, muitas vezes, mesmo os jovens que estão trabalhando, acabam ocupando funções precarizadas, em cargos de baixa remuneração e sem possibilidade de ascensão profissional.

Em razão dessas concepções de trabalho e das particularidades da população jovem, torna-se cada vez mais importante o estudo das perspectivas para os próximos anos com relação à educação e ao trabalho, visto que esses dois fatores relacionam-se intimamente e têm especial interferência na população jovem, que está em idade escolar e, ao mesmo tempo, em idade de inserção no mercado de trabalho.

Quanto a essa vinculação do trabalho e da educação, pode-se afirmar que existe uma relação indissociável das duas esferas, justamente em razão das características complexas do trabalho. Assim, a educação está para o trabalho, assim como o trabalho está para o homem, o que configuraria a dialética entre o trabalho e a educação.

Para analisar a dinâmica entre trabalho e educação em Santa Catarina, foram levantados dados junto aos jovens das Mesorregiões do Estado, chegando-se à conclusão que os jovens catarinenses têm melhores salários, trabalham mais e, em contrapartida, estudam menos, se comparados com o âmbito nacional e com a Região Sul.

Em Santa Catarina os indicadores de trabalho têm crescido, sendo maiores tanto em relação ao âmbito nacional quanto à Região Sul. Por outro lado, os indicadores de educação pertinentes à frequência escolar têm diminuído e são menores do que no Brasil e na Região Sul. E o número de jovens que não estão mais estudando têm aumentado, sendo maior do que os outros analisados. Ou seja, ao que parece, o jovem catarinense está deixando os bancos escolares para trabalhar.

Especificamente quanto ao Vale do Itajaí, percebeu-se que contém o maior percentual de população jovem, comparado com o restante do Estado, por volta de 24,47% da sua população está na faixa de 15 a 29 anos. Quanto à renda, a região tem o maior número de pessoas com os mais altos salários, de 2 a 5 salários mínimos. Quanto à ocupação, o Vale do Itajaí tem o maior percentual de jovens ocupados, como na faixa etária de 15 a 19 anos em que 5,59% dos jovens estão ocupados. Por sua vez, quanto à educação, a região do Vale tem menos jovens frequentando a escola, comparado com as demais regiões de Santa Catarina, como na faixa etária de 20 a 24 anos em que apenas 7,46% dos jovens estão na escola. Assim, observou-se que o Vale do Itajaí tem os maiores indicadores de trabalho e os menores indicadores de educação.

Esse fenômeno parece ocorrer em contrassenso com as exigências atuais do mercado de trabalho. Esse exige trabalhadores com cada vez maior escolaridade, profissionalização e conhecimento técnico, em razão da velocidade das transformações e dos impactos da ampliação das novas tecnologias de informação.

Diante dessa realidade, o jovem se vê inserido numa sociedade que exige uma maior formação educacional para ingressar no mercado de trabalho profissionalizado, ao mesmo tempo em que a educação somente o educa para o trabalho, na concepção do modo de produção dominante. Isso cria um círculo vicioso: o jovem ingressa cada vez mais cedo no mercado de trabalho sem a formação profissional exigida, muitas vezes abandonando a escola, assumindo postos de trabalho cada vez mais precarizados, em consequência de uma formação profissional insuficiente.

É por isso que, cada vez mais, passa-se a considerar as inadequações existentes entre o sistema educacional e o cada vez mais complexo mundo do trabalho. Assim, o novo compromisso do sistema educacional e de formação profissional se daria com forte ênfase na etapa inicial e teria continuidade ao longo da vida ativa. A educação geral exigiria mais tempo de vida da juventude, estando comprometida com a aprendizagem teórica e prática, capaz de potencializar as oportunidades do conhecimento.

Diante dessa realidade, atitudes são necessárias para resolver ou, pelo menos, minimizar a situação do trabalho e da educação do jovem. No entanto, as necessidades e as oportunidades à disposição dos jovens brasileiros se apresentam de formas tão diversas e complexas que não haverá respostas fáceis ou pontuais. Em consequência disso, torna-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de um conjunto de políticas públicas, com programas voltados à população jovem e políticas que vão além da formação profissional e do acesso do jovem ao emprego conciliando políticas emergenciais com políticas estruturantes.

É preciso ampliar a discussão para um sistema educacional e de formação profissional com forte ênfase na etapa inicial e com continuidade ao longo da vida ativa do cidadão, pois na atual sociedade a educação não é mais apenas elemento de ingresso e continuidade no exercício do trabalho, mas indispensável para a cidadania estendida por toda a vida.

FOTO: MAGALI MOSER

FOTOS : MAGALI MOSER

A BLUMENAU QUE LUTA

A última edição do ano do Expressão Universitária presta uma homenagem às pessoas que lutam. As fotos que ilustram a página são da última edição do Grito dos Excluídos/setembro de 2014 - o grito dos que não têm voz. Neste dia, todos os gritos se juntam em uma só voz de resistência, luta e memória histórica, para seguir transformando o mundo em um lugar digno, justo, saudável e amoroso, com trabalho, justiça e vida para todas e todos. O objetivo é denunciar todas as situações de exclusão, reivindicar e propor alternativas para o país. O encontro costuma reunir movimentos sociais, indígenas, lideranças sociais e comunidades historicamente marginalizadas.

DESRESPEITO TOTAL
Prefeito Napoleão NÃO CUMPRE acordo nem decisão judicial.
AVALIAÇÃO POR DESEMPENHO (2001):
Reajuste de 6% nos salários de 3.000 servidores.
Sintraseb

LUTEI PELO JUSTO,
PELO BOM E
MELHOR DO MUNDO.
"MULHERES QUE LUTAM"
FARMASI

PÚBLICA E GRATUITA
FURB
FEDERAL
Comitê Pró-Federalização da FURB
FTB

FOTOS: MAGALI MOSER

As fotos foram feitas durante a última edição do Grito dos Excluídos, em setembro, em Blumenau. O movimento reúne trabalhadores, sindicatos e organizações de diferentes esferas em busca de visibilidade para aqueles cujo direito a própria voz foi muitas vezes negado na história, como índios, negros e mulheres

O MODELO SOCIOECONÔMICO E SEUS REFLEXOS NA SAÚDE DOS TRABALHADORES

As estatísticas de acidentes de trabalho em Santa Catarina crescem acima da média nacional. Os números chamam a atenção para a necessidade de reduzir os riscos e garantir melhores condições de trabalho e segurança para os trabalhadores

POR MAIRON EDEGAR BRANDES

Economista, técnico do Dieese na Subseção da Fetiesc - maironedegar@hotmail.com

O número de incidências de acidentes de trabalho cresce em Santa Catarina acima da média nacional. Segundo o indicador da Previdência Social, em 2012, houve no Estado 22,3 acidentes de trabalho para cada 1.000 vínculos formais de trabalho. Para o Brasil, esse indicador é de 16,9 acidentes para o mesmo número de vínculos.

Quando comparado com outras unidades da federação, o indicador para Santa Catarina é o segundo maior. Apenas o Estado de Alagoas registra mais incidências por 1.000 vínculos (23,6). Se utilizarmos outras formas de cálculo, considerando no denominador a população residente, ocupada ou assalariada, em todos os casos teremos Santa Catarina na ponta do ranking, como a unidade da federação em que há maior incidência de acidentes de trabalho.

Diversos fatores podem explicar essa vergonhosa realidade do nosso Estado. Estudos e pesquisas mais aprofundadas podem ser desenvolvidas para elucidar esses elementos. Nesse breve texto, no entanto, cabe uma consideração que pode servir para o debate. Parece que buscar a compreensão sobre as características do desenvolvimento socioeconômico de Santa Catarina são fundamentais.

> **“Os trabalhadores têm diversos e grandes desafios a serem enfrentados. Não permitir retrocessos está na agenda imediata de luta. Acumular forças de forma organizada para fazer com que o poder da classe provoque transformações**

A indústria de transformação tem uma importante participação na nossa economia. Ao pesquisar quais as classes de atividade econômica em que há maior incidência de acidentes de trabalho no nosso Estado, descobre-se que a indústria de transformação têm grande peso nessa estatística, com destaque para setores como: abate de suínos, aves e outros pequenos animais; fundição de ferro e aço; confecção de peças do vestuário; e fabricação de móveis.

Esses são setores muito importantes para a indústria e economia do nosso Estado. Eles caracterizaram a própria emergência da indústria de transformação em Santa Catarina no início do século passado. Durante muitas décadas esses setores tiveram forte expansão, com grande crescimento de algumas empresas

que passaram a ampliar suas vendas para mercados externos. A crescente oferta de força de trabalho decorrente da migração das famílias de áreas rurais, bem como os investimentos em infraestrutura (comunicação, energia e transportes), por parte do Estado, foram fundamentais nessa expansão da indústria, durante as primeiras décadas na segunda metade do século passado.

Atualmente, depois de passar por uma década, ou pouco mais, de reestruturação produtiva e patrimonial, esses setores se consolidaram em nossa economia com atuação de grandes empresas, líderes nos respectivos ramos de atuação em âmbito nacional ou até mesmo latino americano. Essa nova dinâmica impõe crescentes e permanentes desafios para a indústria, no sentido de melhorar a competitividade.

Diz-se que uma empresa é competitiva quando ela consegue ofertar seus produtos a preços iguais ou inferiores aos praticados por seus concorrentes. A competitividade é resultado de um conjunto de fatores internos e externos ao ambiente de produção nas fábricas que impactam a formação dos preços dos produtos. Internamente, a competitividade está relacionada, basicamente, à capacidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, na adoção de processos e fabricação de produtos inovadores e aos aperfeiçoamentos de gestão (tudo visando aumentar a produtividade). Externamente, importam fatores de infraestrutura (energia, transportes, comunicação), estrutura dos mercados, ambiente de negócios e variáveis de conjuntura como câmbio e juros, entre outros fatores.

Recorrentemente, a busca por competitividade no ambiente interno das empresas têm recaído sobre a exploração da força de trabalho que não está dissociada do(a) trabalhador(a). Corroboram essa afirmação o fato de que há de forma constante pressões por parte dos empregadores, nas negociações coletivas de trabalho, em arrochar salários e não negociar avanços em cláusulas sociais. O trabalhador sente, cotidianamente, além do prolongamento das jornadas de trabalho (crescimento do número de horas-extras), uma intensificação do ritmo de trabalho (metas).

Essa lógica de organizar a produção na fábrica demonstra para a sociedade a racionalidade empresarial em agir na tentativa de buscar maior competitividade. Ela é reafirmada pelas entidades da classe patronal que, legitimamente visando defender os interesses dos seus filiados e próprios, pressionam por todos os lados o Estado para que esse legisle a seu favor. Na agenda de reivindicações patronal estão propostas de lei para "modernizar" a legislação trabalhista vigente. Sabe-se que, no fundo, as propostas visam frear as ainda tímidas conquistas que os trabalhadores estão obtendo no mundo do trabalho. Por isso pressionam pela revisão da política de valorização do salário mínimo; pela radicalização da possibilidade de contratação terceirizada; pela não redução da jornada legal de trabalho, entre outras medidas que representam um regresso para o desenvolvimento social do país.

Nesse cenário é que cresce o adoecimento dos trabalhadores. Os trabalhadores têm, assim, diversos e grandes desafios a serem enfrentados. Não permitir retrocessos está na agenda imediata de luta dos trabalhadores. Acumular forças de forma organizada para fazer com que o poder da classe trabalhadora provoque transformações mais amplas no modelo socioeconômico de desenvolvimento, a fim de torná-lo mais justo na geração e distribuição das riquezas, deve estar no horizonte.

ITAMAR AGUIAR: "GASTOS DO GOVERNO DO ESTADO COM PUBLICIDADE SUPERAM INVESTIMENTOS EM AÇÕES SOCIAIS"

Só uma política pública de comunicação digna do nome, isto é, formulada e implementada a partir da vontade coletiva da sociedade, pode mudar o cenário político, social e cultural do Brasil. É o que pensa o professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Itamar Aguiar. O autor esteve na FURB mês passado quando lançou o livro Confecom – Os interesses em jogo. Itamar concedeu a seguinte entrevista ao Expressão:

Expressão Universitária - Sua trajetória tem sido marcada pela pesquisa na comunicação - mídia x política, este seu novo livro também trata dessa questão?

Itamar Aguiar - Exatamente, na verdade eu venho da formação de Jornalismo e com pós graduação na área de Sociologia e Ciências Políticas. É engraçado a minha primeira dissertação de mestrado (Violência e golpe eleitoral: Jaison e Amin na disputa pelo governo catarinense) ser sobre política, não é? E que envolveria de certa forma também comunicação, mas é essencialmente política e até o doutorado, por incrível que pareça, também era no campo das Ciências Políticas, eu estudei a eleição do Lula em 2002, claro, tem capítulo sobre comunicação, mas é um texto mais voltado pra área de Ciência Política. Esses trabalhos mais recentes, como esse livro que estamos lançando agora está mais no campo de mídia e política. Tentamos juntar um pouco a formação na área de Jornalismo e a formação na pós graduação na área de Ciências Políticas.

Expressão - Qual é a principal contribuição desse seu último livro no campo da comunicação, na sua opinião?

Itamar- Bom, é importante colocar que é um trabalho também militante, ou seja, apesar da preocupação acadêmica, não é um trabalho meramente acadêmico. Tem esse caráter de militância. A gente não se tranca em gabinete, temos procurado também, participar dos movimentos sociais vinculados à área da Comunicação, principalmente no campo da democratização da Comunicação. Esse trabalho é resultado da militância política. Eu participei também da Conferência de Comunicação, inclusive na organização, era membro do comitê estadual e depois fui eleito delegado, em Brasília. Esse trabalho foi apresentado para o movimento social aqui em Santa Catarina, em Florianópolis, com um projeto de pesquisa participante, então ele teve esse respaldo. Ele é fruto dessa conjugação da tentativa de se fazer um pouco o trabalho acadêmico mas voltado para uma preocupação social, a partir de uma ideia de atuação política. Também é resultado de um relatório de pesquisa apresentado ao Departamento.

Expressão - Quanto tempo durou essa pesquisa?

Itamar- Normalmente o nosso projeto de pesquisa leva de um a três anos, esse aqui durou um pouquinho mais porque ele estava previsto pra gente discutir primeiro a conferência em Santa Catarina, esse era o objeto de estudo inicial que fazia parte do projeto de pesquisa, mas ai em função da militância e da nossa atuação na conferência e depois, com a experiência federal, eu entendi que era preciso também fazer essa abordagem, por isso que ele acabou ganhando essa dimensão também nacional. Você me perguntava antes sobre a contribuição, não é? Eu penso que dentro da nossa trajetória, do ponto de vista da nossa participação em nível catarinense pela luta em prol da democratização da comunicação, o livro é mais uma contribuição nessa direção, na reflexão sobre a comunicação democrática. Muito modestamente, eu acredito que essa é a nossa contribuição. No livro há alguns dados levantados, alguns até surpreendentes e principalmente a nível estadual nessa direção, esse é o nosso objetivo, pensar em uma política de comunicação mais democrática para o país.

Expressão -Você fala de dados surpreendentes. O que mais lhe chamou a atenção em nível estadual em termos de dados durante essa pesquisa?

Itamar- Bom, a gente pode depois até falar sobre a democratização da comunicação, inclusive é o que prevê a Constituição, que pouca gente se debruça sobre isso, mas eu penso o seguinte, o trabalho tem uma etapa nacional e uma etapa estadual. Por isso a importância de fazermos o debate também sobre a política de comunicação dos governos a nível nacional. A partir daí, descobrimos um padrão, há um padrão de financiamento, de pagamento no campo da publicidade e propaganda institucional, revelado pela pesquisa. Fizemos o estudo usando esse padrão comparativamente com o estadual. Em Minas Gerais, a Rede Globo é quem leva grande parte do bolo da publicidade a nível nacional, ou seja, da propaganda oficial dos governos federais. Então a gente fez uma série histórica que mostrou isso claramente no governo FHC e no governo Lula e também no governo Alckmin, em São Paulo. Ora, se a Rede Globo é quem leva grande parte da verba institucional no campo da publicidade e propaganda oficial, em Santa Catarina a gente sempre pensava na hipótese de que a RBS é quem concentrava grande parte desse bolo da publicidade estatal e foi isso que a pesquisa realmente confirmou. Só que o dado surpreendente, que não se tinha comprovação era que isso chegasse ao absurdo de um governo de Estado gastar mais em publicidade e propaganda do que em áreas sociais.

Expressão - O sr fala de quanto, para termos uma ideia mais precisa de valores?

Itamar - Estamos falando ai de quase meio bilhão de reais, dos dados que eu tenho que são alguns parciais porque não há transparência na divulgação dos dados, inclusive a gente conseguiu dados através de uma nova lei de informação pública, via Assembleia Legislativa, que são dados parciais. O governo do Estado levou um semestre para nos fornecer os dados, mesmo assim parciais e não aquilo que a gente pediu. Nós pedimos o acervo histórico do governo Luiz Henrique da Silveia e início do mandato do Raimundo Colombo. Eles só mandaram o primeiro do governo Colombo, mas, mesmo assim confirmou dados, cruzando com dados que já tínhamos no Tribunal de Contas do Estado. Eis que aí vem o dado surpreendente, porque os relatórios oficias do Tribunal de Contas, de toda essa história que a gente fez durante todo o período Luiz Henrique, comprovou que o Estado gasta mais em publicidade e propaganda. Não se trata daquela propaganda institucional garantida por lei, divulgação de sarampo ou vacinação, é também isso, mas principalmente propaganda naquele sentido clássico, eleitoreiro, como a gente conhece. Os dados do Tribunal de Contas realmente nos trouxeram coisas surpreendentes: em áreas sociais há um quadro horrível. Só para se ter uma ideia, no período Luiz Henrique, gasta-se mais em publicidade e propaganda do que em áreas sociais, como judiciário - assistência aos apenados - , assistência social, trabalho, direito e cidadania, habitação, gestão ambiental, ciência e tecnologia. Os dados comprovam essa forma de governar. No item Trabalho, por exemplo, no ano de 2009, o Estado gastou 1063,22% mais em propaganda do que nessa função.

Expressão - E isso vem se acentuando ao longo dos anos nos mandatos de governo do Estado?

Itamar - Isso vem se repetindo e esse é o dado mais surpreendente. Quando eu comecei a ler os relatórios (e não costumamos dar importância a eles), isso fazia parte do nosso projeto ai a gente estudou os orçamentos enviados para a Assembleia Legislativa que também é um desafio. É um quebra-cabeça! Enfrentado esse desafio, depois fomos verificar os valores entre o orçado e o executado, então entra o Tribunal de Contas. Quando começamos a ler os relatórios, nossa atenção foi atraída por esse parecer que inclusive está reproduzido no livro: Como se pode perceber em funções de governos importantes como a judiciária, assistência social, a trabalho, a direitos da cidadania, a habitação, a gestão ambiental e ciência e tecnologia, o total de valores aplicados pelo governo é inferior aos seus gastos com serviços de publicidade e propaganda. E isso se repetiu, em todos os exercícios até que a gente fez um quadro com os próprios pareceres.

Expressão - Quais foram os exercícios analisados?

Itamar - Foi todo o período do governo Luiz Henrique da Silveira, tanto do primeiro mandato, de 2003 a 2006, e depois, de 2006 a 2010. E os pareceres eram os mesmos e se repetiam.

Expressão - Então, com base nisso que se afirma que uma mudança nesse sistema de comunicação ou seja, uma comunica-

ção realmente pública poderia ser capaz de mudar o cenário político, econômico e cultural?

Itamar - Esta é a grande questão. A Constituição Federal Brasileira prevê três sistemas de comunicação: o sistema público, sistema privado e o sistema estatal que muitas vezes as pessoas confundem com o público e é preciso estabelecer uma diferenciação. O estatal é esse que a gente conhece, canal NBR que é do executivo, as assembleias legislativas têm as suas TV's - o exemplo mais clássico no Brasil é a TV Camâra e TV Senado, mas todas as unidades da federação, os 26 estados mais os Distrito Federal, têm televisões nas suas Assembleias Legislativas. Além dos municípios e os estados, aqui em Santa Catarina nós temos a TV AL e nós temos TVs municipais públicas como em Florianópolis e Blumenau. Eis esse problema, esse capítulo da comunicação pública na Constituição não está regulamentado. E nós temos então o sistema privado em que o público estado tem financiado o privado, pra fazer o quê? A gente sabe, há uma ação política, eleitoral, tem vínculos aí de partidos com essa mídia privada que usam o estado dos cofres públicos para financiar esse setor privado em detrimento do público que é sempre criticado. Então o que nos deixa mais abismado é "Como que a gente pode, através do estado, financiar o privado para cumprir até, vamos dizer o seu preceito condicional, fazer a propaganda e publicidade estatal e não ter um sistema público forte, consistente?" Como temos experiência pelo mundo afora, o exemplo mais clássico é a BBC nós temos aqui pelo Brasil a experiência de TV Câmara e TV Senado, que infelizmente estão no cabo. Por que estão no cabo? Não há nenhum empecilho técnico de colocar todos esses sinais abertos, o pessoal do interior acessa gratuitamente, através de parabólica, mas nós, das capitais não, se não pagarmos através da Tv a cabo. E ai no caso de Santa Catarina, pelos dados levantados em relação ao Luiz Henrique - então vem outra tese que defendemos no livro - outra novidade trazida para o debate acadêmico e também para sociedade: O Luiz Henrique montou uma baita máquina partidária centrada nas secretarias regionais, que foi o grande debate nas eleições, que tem custado forte impacto para os cofres públicos. Inclusive esses dados são citados na pesquisa, os relatórios do Tribunal de Contas têm demonstrado isso. Criou-se uma baita máquina partidária, porque são cargos de confiança que estão custando e onerando bastante para os cofres públicos para fazer a política eleitoral do governo nas regiões de Santa Catarina. Então pelos dados que temos, pelas pesquisas, as secretarias regionais não têm cumprido o seu papel no desenvolvimento econômico-social regional, só que (e essa é a minha novidade do livro) você tem que vincular isso com a política de comunicação estadual, centrada nesse monopólio através desses gastos exorbitantes com publicidade e propaganda. Isso fecha um círculo, então as secretarias regionais junto com a política de comunicação estadual criou uma baita máquina eleitoreira em Santa Catarina.

> **"Em áreas sociais, o governo gasta menos do que em publicidade e propaganda. Nós estamos nos referindo às áreas do judiciário, que é a assistência aos apenados, a assistência social, trabalho, direito e cidadania, habitação, gestão ambiental, ciências e tecnologia**

Expressão - Mas esta constatação é gravíssima, inclusive uma denúncia, não?!

Itamar - É, isso é uma denúncia que realmente o livro faz. Por isso que eu falei na FURB que fiquei com medo. Isso me assustou, mas foi os dados que revelaram, mesmo que tenham sido os dados parciais e isso tem se realizado de maneira clara. Veja, Luiz Henrique foi reeleito pelo segundo mandato e ele reelegeu Colombo e isso pra mim só foi possível em função da construção dessa máquina eleitoral que a gente sempre falava sobre a secretaria de excluir a comunicação e a política estadual. Então é isso que nós estamos fazendo, esse vínculo entre as secretarias regionais e a política de comunicação que foi comandada e chefiada pelo Derly Anunciação, que nós colocamos todo o histórico dele no livro, o Derly Anunciação vem de 27 anos de RBS. Ele foi formado pela RBS em uma universidade norte americana no campo da administração, ele não é nem jornalista formado e assumiu a Secretaria de Comunicação quando Luiz Henrique assumiu o governo. Outro detalhe importante trazido no livro é que ele ganhou o estado de secretário, porque a SECOM (Secretaria de Comunicação do Estado) sempre foi vinculada ao gabinete do governador, houve uma mudança na lei em 2005, ela continuou vinculada ao gabinete do governador mas ganhou o estado de Secretaria, por quê? Porque o Derly na SECOM passou a ser responsável por toda a política de comunicação da administração direta e indireta do estado. Isso deu a ele poder de secretário porque a verba publicitária era negociada diretamente com a Secretaria de Comunicação. Como eles justificam essa engrenagem? Seria uma política de descentralização porque a partir daí os jornais de interior e emissoras de rádio passaram a receber uma verba do governo estadual, mas com o monopólio, coordenando as próprias assessorias de comunicação. Em cada Secretaria Regional havia um assessor de comunicação, tudo isso comandado pela SECOM. A partir dessa mudança de lei, não é a toa que o Derly ficou como secretário de comunicação durante todo o período do Luiz Henrique, do primeiro mandato até um certo momento do Colombo, depois ele veio a ser secretário da Casa Civil e hoje ele é um dos secretários mais fortes do Estado. Ele está na secretaria de administração e ainda participando de um conselho de administração do BADESC e da CELESC.

Expressão - É possível mudar esse cenário? De que forma?

Itamar - Esse cenário pode sofrer mudanças com o fortalecimento do campo da comunicação. Por isso que para nós, continuando o debate em torno da conferência de comunicação, temos que realizar uma segunda conferência de comunicação e o governo tem que realmente assumir o novo marco regulatório que a Dilma diz que vai assumir. Isso porque a comunicação, depois da conferência, saiu do campo dos especialistas. A gente conseguiu trazer pessoas da sociedade, eu sempre gosto de citar um exemplo de uma senhora de idade, aposentada, que veio como delegada de um bairro de Joinville para participar como delegada na conferência estadual, inclusive ela se inscreveu para ser delegada federal. Quem pôde assistir ao evento no Centro de Convenções em Ulisses Guimarães, em Brasília, pôde perceber que você tinha representantes de todos os setores da cidade, negros, índios, quilombolas, MSTs e também especialistas e cientistas sociais da área de comunicação. Ou seja, a comunicação saiu da esfera da universidade, ganhou a sociedade e essa última eleição mostrou claramente a força que tem a comunicação.

Expressão - O que se vislumbra após este trabalho de pesquisa?

Itamar - Não queremos acabar com a RBS. O objetivo é acabar com o monopólio. A RBS não pode ser dona de todos os jornais de Santa Catarina. Com isso, perde a opinião pública, perde a sociedade, perde a democracia.

Expressão - A lei no Brasil sobre a comunicação difere muito de outros países?

Itamar - Sim. A nossa é permissiva, ela tem que ser modificada. Uma Rede Globo não pode ser dona de jornal, rádio, TV e internet, onde ela difunde e produz ao mesmo tempo. No caso da RBS Santa Catarina, ela não é a única, os monopólios se referem também à própria RIC Record, ao SBT e a outras empresas. A RBS é um modelo clássico, inclusive tem uma ação na justiça federal sobre o monopólio, porque ela não pode ser dona de todos os jornais. Mas, como eu disse, não queremos acabar com a RBS, a gente quer fortalecer o campo público que precisa ser regulamentado, ou seja a gente não pode usar dinheiro público como Luiz Henrique fez pra eleger seu sucessor ou seus candidatos e não investir nas áreas sociais. A gente se sente um pouco roubado, ou seja tem que ter uma função social maior. E por que não investir na área pública de comunicação? Por que não fortalecer a área pública? Por que não tirar as TVs públicas estatais que estão no cabo e dar acesso público à sociedade? O que impede de você colocar o sinal da TV AL em sinal aberto para a população? Por isso que nós estamos fortalecendo a TV Brasil em associação com a UFSC e esse foi um dos grandes avanços para nós, conseguir a parceria entre a TV Brasil e a UFSC. Com a falência da Fundação Jerônimo Coelho com a TV Cultura Catarinense, foi um grande passo essa parceria e manter vida em uma instituição pública, não vinculada ao governo. O que falta agora é fortalecer, esse é um exemplo de que a gente pode ter outras alternativas que não seja só a mídia privada que tem usado do dinheiro público para se beneficiar.

Expressão - Para encerrar, como vislumbrar possíveis mudanças diante desse contexto? Passa sem dúvida por uma questão de participação do cidadão...

Itamar - As resoluções da Confecom estão no congresso, há vários projetos de lei para alterar esse quadro. Mas, sem participação social, fica difícil. Por isso que chamar uma segunda conferência agora é chave. Há possibilidades se a gente considerar que é verdade que a Dilma, o governo do PT está assumindo o novo marco regulatório. Já havia informação sobre isso antes das eleições, mas por incrível que pareça o Brasil é um dos vários países do mundo em que não precisa registrar um programa de governo no TCE. Se você for comparar o programa da Marina e do Aécio, o da Dilma foi o mais pobre, ele tinha vinte e poucas páginas, eram só diretrizes, mas é o que diz a lei né?! O da Marina não, o da Marina já era um programa acabado e o do Aécio também. O da Marina tinha 224 páginas e a do Aécio 70, mas nenhum dos dois fazia referência à comunicação.

DEVOÇÃO

POR LUIZ ALBERTO PEREIRA

Graduado em Artes Visuais, e professor na rede estadual de ensino, bolsista em Direitos Humanos (Pibid) - albertopereira2012@bol.com.br

FOTO: ARQUIVO

Juan vai à Missa todos os domingos com seus pais. Eles são católicos. Ambos foram criados em famílias extremamente religiosas e cresceram em uma pequena cidade de interior não muito longe do litoral. Assim que casaram, nos anos 80, mudaram-se para Blumenau em busca de melhores condições de trabalho.

Aquela fora uma época de grandes enchentes e transformações sociais. Mas logo os dois conseguiram trabalho no centro comercial da Hering. Ele no restaurante, como garçom, e ela como atendente no departamento de vendas. Hoje ele é representante de vendas e ela é dona de casa.

Juan, que tem catorze anos, ainda tem dois irmãos mais velhos. Um deles está com trinta anos e já é casado e outro com dezenove que tem uma noiva, mas ainda mora com seus pais.

A religião sempre fora tudo para sua família. Em casa costumam rezar juntos antes das refeições e antes de dormir. Além disso, a mãe de Juan guarda dentro de sua casa um oratório e algumas imagens de seus santos de devoção.

Embora a maioria das famílias de seus amigos não tenha nenhuma religião definida, Juan não se importa muito com isso. Em casa ele faz tudo o que deve ser feito na frente de seus pais e familiares, como rezar, ir à missa, não falar palavrões ou dizer o nome de Deus em vão. Sabe que se não andar conforme as regras de seus pais ele acabará tendo problemas.

Já na escola as coisas são bem diferentes. Lá ele tem mais liberdade de ser quem ele é realmente sem se preocupar muito com a opinião dos outros.

Juan está no oitavo ano e estuda em uma escola de tempo integral desde o quinto ano. Não mora perto da escola e depende de ônibus todos os dias para ir às aulas. Embora as viagens diárias de ônibus sejam cansativas e demoradas, são justamente nesses momentos que Juan encontra sua maior alegria que é a oportunidade de ficar com seus amigos. Ali, dentro do ônibus, muitas vezes apertado e sem lugar para se sentar, não tem pais religiosos, professores mal humorados, nem ninguém que possa mandar em suas vidas. E é por isso que Juan adora tanto esses momentos.

Fazia frio naquele final de tarde. Juan e seu melhor amigo Carlos, estavam devidamente encapotados com suas jaquetas de inverno sentados lado a lado em um ônibus que atravessava a cidade. João, o irmão mais novo de Carlos estava sentado no banco da frente, com o rosto colado na janela olhando o movimento dos carros lá fora.

André, um dos garotos que estudava com Carlos e Juan no oitavo ano, estava ao lado de João.

- Você quer vir na minha casa hoje e jogar um pouco de videogame? – perguntou André virando-se para trás e olhando para Juan.

- Ah, cara. Não sei não. – respondeu Juan tirando os fones de música dos ouvidos. – Hoje é quarta-feira e eu tenho um compromisso com a minha família logo à noite.

André riu da resposta de Juan.

- E o que vai ser? Vocês vão à igreja? Era só o que faltava.

Juan ficou sério demonstrando não gostar do comentário do garoto.

- É sim cara. Nós vamos à igreja. E daí? – respondeu Juan. – Vai ficar me zoando agora por causa disso? Vai se ferrar.

- Calma cara. – respondeu André tentando desculpar-se. – Eu não sabia que você era um cara religioso. Desculpe-me se eu te ofendi. Só queria te convidar para jogar videogame, tá ligado? Só isso.

- Me deixa em paz, cara. – disse Juan colocando os fones de ouvido outra vez e voltando seus olhos para a rua outra vez.

Carlos apenas ficou calado, ouvindo a discussão começar e logo terminar. Não gostava de discutir com ninguém. Muito menos com seus amigos. Quando André o encarou, perplexo, tentando entender o motivo pelo qual Juan ficara tão zangado com sua brincadeira, Carlos apenas riu sem saber o que responder.

- E você quer ir lá em casa hoje jogar um pouco? – perguntou André agora um pouco mais conformado. - Meus pais vão sair e eu vou ficar sozinho até tarde da noite.

- Pode ser. Mas tenho que levar meu irmão em casa primeiro.

- Tudo bem. Vou ficar esperando então. – disse André dando uma olhada em Juan antes de se virar para frente. – Se o Juan mudar de ideia leva ele também.

- Pode deixar que eu darei um jeito de

ir também. – disse Juan agora rindo ao tirar os fones de ouvidos outra vez.

- Você é um chato mesmo. – disse Carlos rindo divertido e dando um soco no braço do Juan. – Como é que você vai fazer para ir na casa do André se você tem que ir à missa hoje à noite?

- Simples. – disse Juan fazendo cara de esperto. – Esta noite ficarei subitamente com dor de barriga. Assim, enquanto meus pais saírem para ir à igreja, pego minha bike e vou até a casa do André. Ele mora há duas ruas da minha casa mesmo. Além disso, os meus pais sempre ficam de papo com os amigos deles da igreja depois da missa. Geralmente também chegam mais tarde em casa.

- Gênio. – disse Carlos.

- Mentir é errado. – disse João rindo para os três garotos mais velhos.

- E você não ouviu nada, moleque. – repreendeu Carlos fingindo cara de zangado. – Depois a gente conversa.

- Isso mesmo rapazinho. – disse André para João. – Ouça bem o que seu irmão está dizendo. Afinal ele é mais velho. E irmãos mais velhos sempre tem a razão.

João balançou a cabeça e envergonhado voltou a olhar para a rua.

Mais tarde naquela noite, Juan saiu de casa com sua bicicleta em direção a casa de André. Seu plano dera certo e seus pais realmente acreditaram que ele estava com dor de barriga. Como seu irmão de dezenove anos não estava em casa, pois, trabalhava durante o dia e estudava à noite, tudo foi muito mais fácil do que Juan imaginara.

Carlos morava longe da casa de André e de Juan. E para poder ir jogar videogame com seus amigos numa noite de quarta-feira, inventou um trabalho que precisava ser feito e entregue até o dia seguinte.

De ônibus, Carlos foi até a casa de André. Como o garoto havia dito, os pais dele não estavam em casa. Juan chegou em seguida com sua bicicleta.

André não era um garoto rico. Mas tinha uma bela casa e um padrão de vida um pouco melhor do que a de Carlos e Juan. Havia nas paredes de seu quarto alguns pôsteres de bandas de rock como Ramones, Pearl Jam e Legião Urbana. Além disso, tinha um novo videogame, um PC moderno, muitos jogos e DVD's originais de muitos filmes que os outros dois ainda não tinham assistido como Na Natureza Selvagem e Clube dos Cinco. Carlos curtia o mesmo tipo de música que André ouvia.

- Puxa cara, deve ser muito legal ter um quarto só para você e não precisar dividir suas coisas com irmãos. O João às vezes me deixa maluco. – disse Carlos deitado na cama de André enquanto olhava as capas de alguns filmes. Já Juan gostava de música eletrônica.

- É bom sim. – disse André enquanto jogava videogame com Juan. – Mas bem que eu gostaria de ter irmãos, sabia?

- Você tá maluco. – disse Juan para André sem tirar os olhos do jogo. – Eu dava tudo para não ter que dividir meu quarto com ninguém. Você é sortudo cara. Tem tudo o que precisa e ninguém para te encher a paciência.

- Eu fico sozinho demais. E meus pais não dão a mínima para mim. Tenho inveja de vocês dois. – disse André com uma expressão triste.

- Pelo menos você tem a nós como amigos. – disse Juan olhando para o garoto pela primeira vez desde que começou a jogar. – Pode contar comigo sempre que precisar.

- Valeu Juan. – disse André. – Agora vou buscar um pouco de refrigerante para gente.

- Boa ideia. – disse Carlos. - Onde fica o banheiro? Tô maluco para mijar.

- No final do corredor. – disse André apontando a direção do banheiro para Carlos, seguindo o caminho oposto, em direção à cozinha.

Carlos foi ao banheiro. No caminho de volta, deparou-se com algumas fotografias penduradas nas paredes do corredor. Parou para observá-las melhor. Reconheceu André em algumas delas. Havia também algumas fotos dos pais dele com outros dois garotos. Quem seriam aqueles dois? – perguntou- se ele sem perceber a aproximação de André com uma garrafa de refrigerante e alguns copos plásticos nas mãos.

- Esses são os meus irmãos. – disse André de repente, assustando Carlos que estava distraído.

- Mas você não disse que não tinha irmãos? – perguntou Carlos franzindo a testa.

- E não tenho mais. – disse André apontando para a fotografia de dois meninos abraçados com uniforme escolar. – Eles tinham apenas dez anos quando morreram em um acidente de carro. Meus pais sobreviveram. E eu nasci cinco anos depois. Desde então meus pais não tiveram mais filhos. E nem vão ter.

- Puxa vida, cara. – disse Carlos. - Sinto muito mesmo.

- Tudo bem. – respondeu André.

- Onde estão seus pais agora? – perguntou Carlos curioso.

- No Centro. – respondeu André. – Eles não saem de lá e não pensam em mais nada.

- Centro? – Carlos não entendera sobre o que André estava falando.

- Centro Espírita. – disse André. – Meus pais são espíritas. É a religião deles.

- Você também é espírita?

- Já li algumas coisas sobre isso e já fui ao Centro com os meus pais algumas vezes. – respondeu André. – Mas não gostei muito não. Você tem religião?

- Na verdade não. – respondeu Carlos. – Acho que meus pais são católicos. Mas só vão à igreja uma ou duas vezes ao ano. Eles são bem diferentes dos pais de Juan que vão a Missa toda semana.

- Eu só queria que meus pais ficassem mais em casa comigo. Sinto falta deles, sabe? Como quando eu era criança. – disse André.

Carlos ficou sem palavras. Depois disso, em silêncio, os dois voltaram para o quarto. André não falou mais nada a respeito de seus dois irmãos. Os três jogaram algumas partidas de videogame por um bom tempo. Até que Juan percebeu que estava na hora de ir para casa.

- Mas ainda é cedo. – protestou André. – Vamos jogar mais um pouco? Por favor.

- Fica para uma próxima. – disse Juan.

- Pode ser no sábado então? – perguntou André levando-os até a porta.

- Pode ser sim. –disse Juan dando um tapinha nas costas de André. – Você é um carinha muito legal, sabia? Desculpe-me por ter sido meio grosso com você hoje à tarde no ônibus.

- Não esquenta com isso. – disse André. –

- A gente se fala amanhã. – disse Carlos. - Valeu?

- Valeu. – respondeu André sorrindo. – Obrigado por vir ficar comigo um pouco.

Os garotos se despedem e vão embora. André vai para dentro de casa e fecha lentamente a porta atrás de si.

Então Juan pega sua bicicleta e vai andando ao lado de Carlos até o ponto de ônibus mais próximo. Os dois caminham lado a lado e ficam em silêncio por alguns minutos. Aquela havia sido uma noite muito divertida para eles. Apesar do que André havia contado sobre sua família e sobre seus dois irmãos que haviam morrido em um acidente.

- Juan, você acredita em Deus? – pergunta Carlos parando no ponto de ônibus vazio e escuro.

- Acredito, sim. – respondeu Juan rindo desconfiado daquela estranha pergunta. – Por que é que você está me perguntando isso? Você sabe que eu sempre vou à igreja com meus pais.

- É eu sei que você sempre vai à igreja e que sua família é super-religiosa e tudo mais. – disse Carlos com as mãos nos bolsos da jaqueta para se proteger do frio. – Mas estou me referindo ao que você acredita? Acredita que realmente existe um Deus?

- Por que essas perguntas agora, cara? Você tá viajando. – diz Juan debochando do amigo.

Carlos balança a cabeça e olha para o alto. O céu está cheio de estrelas. Ele tenta esconder as lágrimas que escorrem de seus olhos escuros. Mas é inútil. Juan fica perplexo.

- Por que você está chorando, cara? O que é isso? Você está me assustando, maluco. – diz Juan largando a bicicleta e sacudindo o amigo pelos ombros. – Fala alguma coisa pelo amor de Deus.

Carlos solta um gemido de dor que assusta ainda mais seu amigo e, dando uns passos para trás, encosta-se em muro de uma antiga casa.

- O que aconteceu Carlos?

- Eu não aguento mais essa vida, Juan. Não aguenta mais a escola, eu não aguento mais aqueles professores horríveis e eu não aguento mais minha família. Não suporto mais tanto desprezo.

- Fica calmo, Carlos.

- Eu só queria que Deus me desse uma resposta, sabe? Por que Ele me abandonou? – Carlos, com os dentes cerrados, limpa suas próprias lágrimas com as mãos. -Ás vezes eu acho que Deus é tão injusto, sabia?

- Ele não te abandonou Carlos. Ele está com você aqui e agora. – disse Juan segurando seu amigo pelos ombros. – Você não sente?

Carlos olha seu amigo bem em seus olhos e balança a cabeça, negando ironicamente.

- Pois Ele está sim. Ele está bem aqui, vivendo dentro de nós. – disse Juan colocando sua mão direita sobre seu próprio peito e depois sobre o coração do amigo. - Eu creio nisso. Quer você creia, quer não. E eu estou aqui agora pra te ajudar, ouviu bem?

Carlos tenta se acalmar um pouco. Mas seu coração se aperta ao lembrar-se de sua própria família, dificuldades em casa, da garota por quem ele está apaixonado e que o ignora e também da história de André e seus dois irmãos pequenos. Juan dá um forte abraço em seu amigo, sem se preocupar com as pessoas que passavam pela rua possam pensar ao avistar dois garotos abraçados.

- Nunca mais duvide que Deus exista. – disse Juan rindo, tentando animar Carlos. – Pelo menos não perto de mim que acredito e não tenho vergonha da minha fé.

“

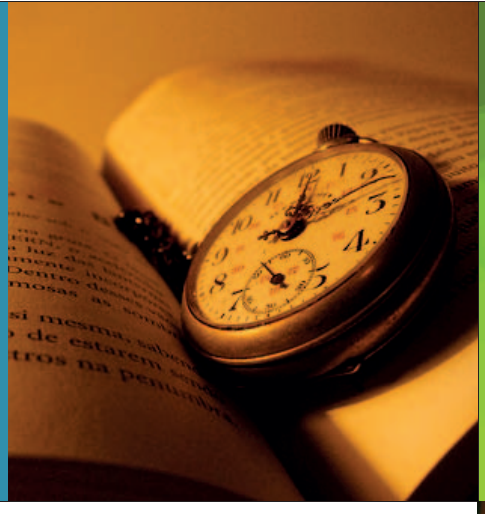
Carlos tenta se acalmar um pouco. Mas seu coração se aperta ao lembrar-se de sua própria família, dificuldades em casa, da garota por quem ele está apaixonado e que o ignora e também da história de André e seus dois irmãos pequenos

Carlos riu desse último comentário de Juan, recordando o episódio daquele final de tarde no ônibus entre ele e André a respeito de igreja.

- Tá legal. – concordou Juan dando um soco de leve no ombro de Carlos. – Pelo menos, depois de hoje, vou procurar não ter mais vergonha de dizer que acredito em Deus.

Depois, sentindo-se mais tranquilo, Carlos pegou o primeiro ônibus de volta para casa. Assim Juan, com sua bicicleta, foi embora, rezando para que seus pais ainda não tivessem chegado e acabassem descobrindo que ele havia saído escondido. Contudo sentia-se tremendamente feliz por poder compartilhar sua fé em Deus com seu melhor amigo.

Sentia que de alguma forma estava ajudando alguém. Mesmo que aquela ajuda fosse através de palavras.



CURTAS

OBESIDADE DESAFIA CONTROLE DO DIABETES

O diagnóstico precoce do diabetes e a conscientização das vítimas da doença são alguns dos principais desafios para controlar os números da epidemia no Brasil. A opinião é do médico endocrinologista e professor do Departamento de Medicina da FURB, Fulvio Clemo Thomazelli. Ele foi entrevistado na Rádio Nereu Ramos no Dia Mundial de Combate ao Diabetes, em 14 de novembro. Segundo ele, há em torno de 15 milhões de diabéticos.

O médico lembra ainda que a doença tem complicações que limitam a vida do indíviduo. É a maior causa de amputações de membros inferiores não traumáticas em jovens. É a maior causa de cegueira legal na população economicamente ativa. O diabetes tipo 2, o que mais cresce no mundo, está diretamente associado à obesidade, segundo o médico. Ele entende que o alerta para a prevenção do diabetes é fundamental e precisa ser fortalecido.

APROVADA MEIA-ENTRADA PARA PROFESSORES EM EVENTOS CULTURAIS

O prefeito Napoleão Bernardes sancionou em novembro o projeto de lei que garante meia-entrada em eventos culturais aos professores do ensinos básico e superior em Blumenau.
A proposta é de autoria do vereador Vanderlei de Oliveira e deve beneficiar até 5 mil profissionais.

Para valer como lei municipal, o projeto precisa ser publicado, o que deve acontecer nos próximos dias. A proposta garante o benefício para os profissionais em sessões de cinema, teatros, shows e outros eventos culturais ou de entretenimento, exibidos em arenas ou casas de espetáculos.

FOTO: JAIME BATISTA

BLUMENAU COMEMORA SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA COM ATIVIDADES QUE DESPERTAM REFLEXÃO

Com o objetivo de promover a reflexão sobre práticas discriminatórias e reconhecer as contribuições dos afrodescendentes, o Movimento de Consciência Negra de Blumenau - Cisne Negro e a Fundação Cultural promoveram, entre os dias 18 e 29 de novembro, uma programação alusiva a 11ª Semana da Consciência Negra de Blumenau. O tema desta edição foi "Combatendo o racismo e promovendo igualdade racial".

Lenilso Luis da Silva, coordenador do Cisne Negro, foi entrevistado pelo professor Carlos Silva no Programa Cidadania em Debate, na Furb TV. Ele reforçou que a semana tem a intenção de valorizar as conquistas de direitos e igualdade de oportunidades.

EXPOSIÇÃO MAIS DO MESMO É DESTAQUE NA FURB ATÉ O DIA 13 DE DEZEMBRO

O coletivo de Fotógrafos Libertos abriu em novembro a exposição Mais do Mesmo?, no Salão Angelim da Biblioteca Universitária, campus I da FURB. O grupo é formado pelos fotógrafos Nilo Biazzetto Neto, Alexandre Zielinski, pelo designer Sávio Abi-Zaid e pelo administrador Fernando Fallgatter.

A exposição é um desdobramento do curso de fotografia Liberdade Fotográfica, que se formou pela afinidade dos quatro membros, e de sua necessidade de dar vazão a projetos coletivos, pela complexidade ou pelo resultado multifacetado só possível pela autoria múltipla, no campo da fotografia.

O trabalho da temática "Mais do Mesmo?" explora agrupamentos, coletivos e a questão da individualização /unicidade versus massificação. Pode ser vista até o dia 13 de dezembro.

FOTO: MAURO SCHRAMM

Marcos Antônio Mattedi
Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP)
Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional

LadoB

A POLÍTICA DO PPP DA FURB

E o ano de 2014 termina na FURB com a discussão sobre o PPP – Plano Político Pedagógico. Depois de mais dez anos efetua-se a reformulação do PPP. Um PPP constitui, ao mesmo tempo, uma estratégia de planejamento, avaliação e controle social. Estabelece como deverão ser desenvolvidas as atividades de formação nos cursos superiores da universidade. Constitui, portanto, muita coisa: cumprimento de normas burocráticas, espaço de criação e concepção, lugar de escolha e decisão, etc. E por isso tudo transforma-se num espaço de disputa e conflito.

O atual PPP foi concebido e institucionalizado no período de 2003/2004, na gestão Egon/Chivanga. Foi formulado a partir da formação do Núcleo de Políticas de Formação – NUPOF. O documento de referência publicado em 2006 baseou-se numa "metodologia participativa" em três etapas: a) Marco Referencial; b) Diagnóstico; c) Programação. Entre os princípios cabe destacar: o compromisso com os interesses coletivos, a democratização do conhecimento, a valorização de todas as formas de vida, a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, etc.

Este PPP respondia a três ordens de condicionantes. O "efeito UNIASSELVI": a tentativa de adequação acadêmica da FURB a perda do monopólio local de oferta de ensino superior; o "credo regulador": a resposta ao processo de burocratização e as diretrizes normativas da LDB - MEC; e o "fator pedagógico": as reflexões pedagógicas feitas pelos pedagogos sobre a pedagogia (NUPOF). Buscava, portanto, criar unidade entre as práticas educacionais por meio de diretrizes educacionais através da flexibilização e da interdisciplinaridade da graduação.

Estes princípios se materializaram operacionalmente numa proposta de formação articulada em três eixos. a) Eixo Geral: constitui disciplinas criadas a partir de demandas da sociedade; b) Eixo de Articulação: constitui disciplinas criadas a partir das demandas das áreas de conhecimento; c) Eixo Específico: refere-se a disciplinas relacionadas a atividade profissional. A ideia de base era construir uma proposta curricular que contemplasse as dimensões formais e práticas, porém esta proposta se mostrou operacionalmente problemática e está sendo reformulado.

Para entender o que realmente está em disputa e qual a ordem dos conflitos no processo de reformulação do PPP é preciso considerar duas ordens de fatores que se encontram relacionados. A primeira delas refere-se ao entendimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade enquanto atividades sociais (divisão do trabalho acadêmico); a segunda, diz respeito ao padrão de inserção da universidade no contexto social local e global (interesses ideológicos). Esse processo materializa-se na luta pelo monopólio da legitimidade disciplinar.

Por um lado, a universidade constitui uma instituição multifuncional. Faz ensino, pesquisa e extensão de muitas formas diferentes. Cada curso possui uma forma diferente de conceber e desenvolver essas atividades. Por isso, o que viriam a ser boas práticas de ensino, pesquisa e extensão no curso de Administração pode ser muito diferente ou até mesmo contrário ao que é praticado no curso de Serviço Social. Isto significa que na formação universitária o conhecimento não é somente praticada, mas também disputada por "culturas epistêmicas" diferentes.

Por outro, o contexto social se caracteriza por um processo de crescente diferenciação social. Nesse sentido, cabe destacar três fenômenos: a monetarização (capitalismo), a burocratização (estado moderno) e a individualização social. Com isso observamos a constituição de novas formas de constrangimentos, exigências e regulação da vida social. Assim, os modos de vida contemporâneos tem sido progressivamente condicionados pelo aumento das desigualdades, e a formação universitária acaba reforçando esse processo social.

Portanto, a relação dialética entre a universidade e o contexto social indica que a formação universitária vem sendo massificada. Assim, por um lado, verifica-se dentro da universidade uma disputa entre as diversas disciplinas pela hegemonia do padrão de ensino, pesquisa e extensão a ser adotado; e, por outro lado, um contexto social que reconhece como válidas somente as habilidades e conhecimentos que podem ser traduzidos mercantilmente. O efeito combinado destes dois processos constitui a tecnificação da formação superior.

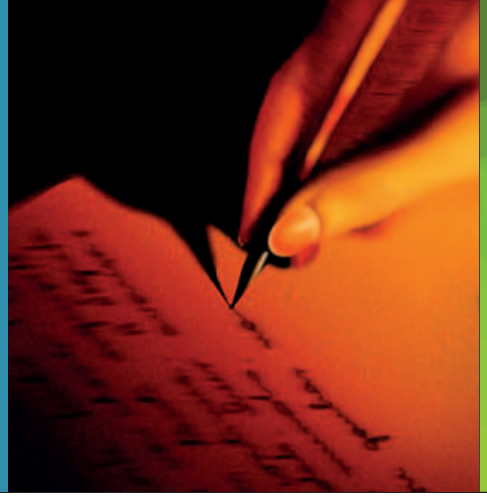
> **"O PPP da FURB encerra duas disputas políticas. A primeira é externa: constitui uma resposta de adequação ao progressivo aumento da oferta de vagas de ensino superior no contexto regional; a segunda é interna: representa um realinhamento coorporativo no qual cada departamento visa aumentar a oferta de disciplinas. Trata-se de uma estratégia que visa atrair mais alunos e garantir mais horas-atividades para o aumento de professores Tempo-Integral.**

Nesse sentido, a revisão do PPP da FURB exprime essa tensão por meio de uma disputa política sobre o modelo de formação mais adequado para a sociedade vigente. Assim, a discussão exprime dois conflitos: a) o ataque as disciplinas do Eixo Geral; b) e a baixa participação da comunidade. Estes dois conflitos escondem a disputa em torno de interesses coorporativos ligados tanto ao enxugamento dos currículos pela pressão do mercado, como também a alocação de horas-atividade nos departamentos devido a crescente profissionalização da atividade docente.

Verifica-se, portanto, que o PPP da FURB encerra duas disputas políticas. A primeira é externa: constitui uma resposta de adequação ao progressivo aumento da oferta de vagas de ensino superior no contexto regional; a segunda é interna: representa um realinhamento coorporativo no qual cada departamento visa aumentar a oferta de disciplinas. Trata-se de uma estratégia que visa atrair mais alunos e garantir mais horas-atividades para o aumento de professores Tempo-Integral. O efeito combinado destas duas disputas é uma política que subordina o acadêmico ao técnico.

O reconhecimento destas duas ordens de disputas é fundamental para que a FURB não perca seu protagonismo regional. Por isso, a proposta de flexibilização curricular (garantia de disciplinas do eixo geral) é importante e deve ser defendida, mas não devemos perder de vista a questão central do financiamento da universidade. É ele que guia a tecnificação dos currículos nos colegiados de cursos e acirra a luta coorporativa nos departamentos. O financiamento compromete profundamente a autonomia universitária e, portanto, condiciona o PPP.

O PPP constitui a luta pela divisão do trabalho cognitivo. Exprime a mediação que se estabelece entre universidade-contexto social. Por isso, ao formamos um aluno de graduação projetamos politicamente um tipo de conhecimento para um modelo de sociedade. Ocorre que na discussão do PPP da FURB predominam os interesses setoriais dos cursos (enxugamento dos currículos) e corporativos dos professores (defesa de horas-atividades departamentais). Talvez maior desafio na reformulação do PPP da FURB seja superar esses obstáculos.



INSPIRAÇÃO

MEU PRIMEIRO UNIVERSITÁRIO

POR URDA ALICE KLUEGER

Escritora, historiadora e doutora em Geografia pela UFPR - urda@san.psi.br

Lembro que o meu pai comprara areia fina para fazer alguma obra lá em casa, e a areia estava amontoada num quadrado de terreno, junto à cerca, esperando a vez de ser usada. Impossível lugar melhor para brincar, e lá estava eu, mexendo na areia, quando... quando... céus, algo estava acontecendo!

Naqueles idos de 1964 os homens usavam cabelos bem cuidados, com ondas fixadas à Gumex, como o meu pai, penso que por conta de James Dean ou já de Elvis Presley – a exceção eram os soldados, que cortavam o cabelo à escovinha, obrigatoriamente, e quando a gente via um rapaz com os cabelos assim, já se sabia que havia ido para o exército.

Brincava eu na areia, naquele dia, quando alguém atípico veio andando, subindo a rua, e não era nem um homem usando Gumex e nem um rapaz do exército: tratava-se de Francisco Moacir, irmão do meu amigo Braz dos Santos, filho de uma senhora muito querida chamada Dona Alvina, que morava mais adiante, na nossa rua. Era um moço circunspecto e sério, que passava todos os dias por ali andando compenetradamente, e imagino hoje que mundos não teria dentro da sua cabeça para caminhar assim com toda aquela seriedade.

Não seria estranho ele passar ali, já que o fazia diariamente, caso ele não tivesse sofrido uma abrupta mudança: apesar de já não ter idade para ser um rapaz do exército, tivera os cabelos cortados rente à cabeça, e estava usando um bonezinho que na minha lembrança era azul, onde estavam escritas as palavras "Ciências Econômicas". Deixei a areia escorrer dentre os dedos enquanto o observava passar com a mesma circunspecção de sempre, olhos fitos lá adiante, alguém que se tornara tão diferente de todo o mundo que eu acreditaria que se tratava de um extraterrestre, se tal me fosse dito.

Imóvel sobre o monte de areia, fiquei tentando entender o que acontecera, o porquê daquela perda de cabelos, o que era aquele bonezinho azul tão diferente, o que seria "Ciências Econômicas". Conhecia a palavra "economia", que era uma coisa que a minha mãe praticava diuturnamente, mas essa expressão nova me parecia muito misteriosa e sem nenhuma ligação com a vida real.

Decerto, como eu, muita gente da nossa rua Antônio Zendron e do nosso bairro Garcia e do nosso mundo tacanho em geral ficou impressionada e curiosa com a novidade que se nos apresentava o circunspecto Francisco Moacir – o que era aquilo? Em breves dias as notícias circularam e chegou a informação: nosso vizinho tinha "passado no vestibular", "entrado na faculdade", pois agora Blumenau tinha uma primeira faculdade, coisa que não sabíamos exatamente o que era. Faculdade era uma coisa de estudar, ficou-se sabendo, mas nada era muito claro. Pouco sabíamos sobre estudos – na verdade nós, gente comum, estudávamos por quatro anos – aos 11 anos estávamos saindo da escola, e esperávamos em casa completar os 14 para ir para a fábrica, as meninas ajudando a mãe e bordando o enxoval; os meninos, matando passarinho a bodoque ou funda e incomodando os vizinhos. Esta era a regra – não sei como fui exceção; talvez minha âncora para a grande e diversificada viagem da vida tenha sido os muitos livros que lia continuamente, na inesgotável fonte que era a Biblioteca Pública Municipal Dr. Fritz Muller, meu sonho de consumo desde a primeira infância.

> **"Em breves dias as notícias circularam e chegou a informação: nosso vizinho tinha "passado no vestibular", "entrado na faculdade", pois agora Blumenau tinha uma primeira faculdade, coisa que não sabíamos exatamente o que era. Faculdade era uma coisa de estudar, ficou-se sabendo, mas nada era muito claro.**

Uns poucos privilegiados, filhos de gente mais poderosa, normalmente donos de muitas terras e vacas, estudavam contabilidade no Colégio Santo Antônio ou faziam o curso complementar, em dois anos, o que os transformava em professores, e que era direcionado preferencialmente para as moças. Ricos, ricos mesmo, notadamente os donos das grandes indústrias, pois tal já tínhamos, estudavam em lugares misteriosos como a Alemanha ou o Rio de Janeiro, mas o que estudavam lá? Não tínhamos noção do que seria uma universidade e não nos ficava claro o que faziam os tais herdeiros de fortuna em tais lugares distantes – apenas tínhamos a informação de que gente rica ia para fora para estudar.

Portanto, era uma surpresa total essa coisa de que agora havia uma faculdade em nossa cidade, coisa tão próxima que até um rapaz da nossa rua podia frequentar – mas por que será que tivera o cabelo raspado, e o que era um vestibular, e o que eram ciências econômicas?

Acho que elucidei muitas coisas a respeito através dos tantos romances que lia, onde pessoas acabavam indo para faculdades – para muita gente da minha rua, no entanto, penso que a névoa do mistério perdurou até o fim das suas vidas, pois sei de muitos que acabaram morrendo, um dia, sem acreditar que em 1969 o homem estivera na lua.

Andei me informando, agora, o que aconteceu com o filho de Dona Alvina e irmão do Braz, o Francisco Moacir dos Santos, aquele meu primeiro universitário, que, faz cinquenta anos, entrou na minha vida com seu bonezinho azul, trazendo atrás de si todo um rol de novidades que iria mudar tantas coisas para tantos de nós: formou-se, constituiu família, está vivo, hoje morando no Rio de Janeiro.

Que bom saber dele, daquele moço mais sabido e mais corajoso do que todos nós outros, tão sabido que foi da primeira turma da primeira faculdade da FURB, que soube segurar a vida com as mãos e dar aquele grande passo que o tirou do nosso mundo pequeno e escuro. Faz cinquenta anos neste ano que um primeiro universitário apareceu na minha vida, e parece-me que ainda estou sobre aquele monte de areia, pasma com a sua aparição andando circunspectamente rua acima! Bem que gostaria, hoje, de lhe dar um abraço!

Lá de algum lugar, Dona Alvina deve estar vendo esta minha vontade!